

Austeridade: uma saída para a recessão

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

A virada da modernidade, no século XVI, fez o ser humano descobrir-se e autocompreender-se como ser pensante. A afirmação do filósofo francês Descartes: "Penso, logo existo" marcou e selou uma forma de ser humano que passou a ser a do homem e da mulher que embevecidos com sua autonomia e dignidade, exercitavam o pensamento e a razão fazendo avançar a ciência e o conhecimento.

A razão, no entanto, ao longo destes quatro últimos séculos, nem sempre soube encontrar seu devido lugar entre os atributos humanos. Tornou-se soberba e orgulhosa, razão instrumental e cínica, não se auto-reconhecendo como uma das dimensões mais nobres da humanidade, feita para se colocar a serviço do crescimento de todo o gênero humano. Muitas vezes foi usada para corromper, explorar, torturar, botar o mais fraco, o mais pobre, a serviço do mais rico e do mais forte.

A razão humana no mundo ocidental, apesar de ter realizado grandes façanhas e maravilhosas proezas em prol do desenvolvimento do mundo e da humanidade, realizou também genocídios, guerras, violências de todo tipo. Construiu uma sociedade dominada pela lei do mercado, onde os que têm exploram os que não têm e onde os seres humanos são desviados da gratuidade contemplativa e criativa para a qual foram criados por Deus a fim de se tornarem apenas vorazes consumidores daquilo que lhes é proposto pelas leis do mercado.

A sociedade de consumo em que vivemos, portanto, é como uma bicicleta: para manter-se em movimento, tem que andar sempre mais e mais depressa. Se diminuir o ritmo, desequilibra-se. Se parar, cai. Portanto, é preciso que os homens e mulheres consumam sempre mais e mais. Endividando-se para adquirir coisas que não têm condições financeiras de possuir. Recorrendo a créditos que não poderão pagar e que acabarão por retirar-lhes tudo, inclusive o que ganharam com a dura labuta e o suor da frente. E quando os tempos de abundância chegarem a um fim, sendo como são neste momento no Brasil substituídos pelas vacas magras da repressão, e não for mais possível consumir pelas vias normais, acontece o vale tudo.

O vale tudo fará com que se passe a usar qualquer meio para realizar o cobiçado consumo: desde o roubo, o crime até o assassinato, e o extermínio dos seres mais caros e queridos. As crianças já educadas no frenético ritmo do consumo se tornarão adultos sempre insatisfeitos e angustiados, apavorados de perderem o que têm e nunca se satisfazendo com o já alcançado, mas desejando sempre mais e mais. E que por sua vez também explorarão os outros, para conseguir pelos meios ilícitos o que uma sociedade não de abundância, mas de recessão lhes negará pelos lícitos.

A classe média do Brasil de hoje encontra-se nesta triste situação. Habituada a mimetizar e almejar bens e padrões de consumo dos países de primeiro mundo, a eles impingidos pelos meios de comunicação, não sabem agora o que fazer com o salário que não mais estica ilusoriamente como nos tempos da inflação e que obriga a baixar padrões de consumo, a assumir posturas mais sóbrias, a mudar os hábitos de vida.

A austeridade e a simplicidade de vida , frutos de um equilíbrio interior e uma harmonia do desejo com a realidade, deve ser urgentemente buscada como saída digna e possível para este estado de coisas. Para isso, é urgente redes cobrir valores e atitudes que ponham em relevo a relação com a natureza, o prazer de ouvir música e ler poesia, o deleite de conversar, caminhar, rezar e contemplar. Coisas gratuitas e ineficazes, que não desequilibram a balança comercial nem geram desemprego. Valores eternos que se perderam na marcha alucinada da secularização e da construção da sociedade de consumo que, impiedosa e cruelmente, ao fechar suas comportas, engole mentes, corações e vidas, provocando depressões e suicídios.

Ser austeros, simples e moderados em gostos, hábitos e aquisições. É bom para nós, para os outros. Ajuda o Brasil a sair da difícil situação em que se encontra. E além do mais, nos permite encontrar mais facilmente o diálogo afetivo e amoroso com Deus e com os outros.